

Depoimentos & Entrevistas



Aline Ruppert

Nesta entrevista, a aluna Aline Ruppert acadêmica do 6º ano do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP, bolsista FAPESP por 4 anos, ganhadora de prêmios no COMU por 3 anos consecutivos. da FMUSP que se dedicou às pesquisas científicas conta como foi se interessar por Iniciação Científica em meio a tantas atividades extracurriculares da faculdade, como encontrou um orientador e o que sentiu em relação ao mundo da pesquisa.

Como é sua vida acadêmica?

Meu nome é Aline Ruppert, estou no sexto ano e minha vida acadêmica sempre foi dinâmica. Busquei sempre me dedicar aos estágios, mas também procurei fazer um pouco de tudo na faculdade. Assim, participei de muitas atividades extra-curriculares como: Atletismo, que pratiquei na AAAOC até o terceiro ano; Ligas (Febre Reumática, Síndrome Metabólica, Insuficiência Cardíaca, Oftalmologia, Tireóide, Doenças Autoimunes, entre outras); Costura; Bandeira Científica e Iniciação Científica. De todas, a que me consumiu mais tempo, mas também a que me deu maior satisfação, foi a última. Quando entramos na faculdade recebemos muitas sugestões e dicas de veteranos, que são fundamentais para a gente se orientar em meio a tantas oportunidades que a faculdade nos oferece. Mas estabelecer nossa própria opinião sobre as atividades é muito mais rico e prazeroso. É importante lembrar que, mesmo em curso integral, como o de Medicina, as atividades extra-curriculares são altamente conciliáveis. Basta ter organização, disciplina, foco nos estudos e priorizar cada coisa no momento certo. As matérias são extensas, e, sem dúvida nenhuma, há assunto para se estudar 24 horas por dia, durante os 6 anos. Mas são escolhas. É a época da vida mais produtiva para o estudo, quando

ainda não há grandes responsabilidades paralelas. Mas viver é preciso. Fazer atividades físicas, viajar, namorar, fazer amigos e reservar um tempo para a família são indispensáveis. Ainda, fechar os olhos para as atividades extra-curriculares significa perder conhecimentos, experiências e amizades que podem durar por toda a vida. Há opções na faculdade para todos os perfis e gostos.

Qual a linha de pesquisa que você atua?

A minha linha de pesquisa é em Patologia Pulmonar, com enfoque clínico. É um trabalho em autópsias.

Qual foi sua perspectiva quando começou a fazer pesquisa?

Procurei fazer uma iniciação científica pensando mais em enriquecer meu currículo, em obter alguma publicação – que sabia ser importante na seleção para a residência médica. Não tinha idéia do que se tratava, da dimensão que teria na minha vida e do tempo que despenderia. Mas descobri um prazer enorme em fazer pesquisa a partir do momento em que comecei a obter resultados, escrever *abstracts* e artigos, enviar a congressos e concursos, e apresentá-los.

Por que e como escolheu a linha de pesquisa e orientador?

Na verdade foi por indicação de um veterano. Eu já sabia que Patologia Pulmonar era uma área de pesquisa muito forte na faculdade, mas procurei minha orientadora, a Dra. Vera Luiza Capelozzi, por indicação, por ser alguém muito competente, dedicada e disponível. Eu já tinha criado muitas expectativas em relação a projetos, já tinha conversado com diversos orientadores, iludido-me com pesquisas que não aconteceram. Parece que há uma fase de insistência, de teste, para ver se o aluno está mesmo interessado no trabalho. (Risos). E eu também passei por essa espera por 6 meses, indo ao laboratório várias vezes, discutindo temas e projetos que eu poderia desenvolver. A partir de então as coisas passaram a dar certo, e eu passei a dar continuidade a um projeto que outro aluno tinha iniciado anos antes, o Dr. Alexandre de Matos Soeiro, que passou a ser meu co-orientador. Trata-se de um trabalho em autópsias, sobre pacientes que tiveram como *causa mortis* a insuficiência respiratória aguda. Meu trabalho era selecionar esses casos, de 2001 a 2008, e coletar dados demográficos (idade e sexo), etiológicos (causas de morte associadas e comorbidades associadas), e histopatológicos (análise e classificação de tecido pulmonar em microscópio óptico). Isso já tinha sido feito de 1991 a 2000. O meu objetivo principal era traçar o perfil desses doentes, obter prevalências, correlacionar os achados clínicos e histológicos e calcular os riscos de certas doenças evoluírem para Insuficiência Respiratória Aguda (IRpA). A principal doença de interesse era o tromboembolismo pulmonar (TEP), que se mantém como uma das principais causas de morte não diagnosticadas em vida, por ser tão súbita e fatal, e por apresentar um quadro clínico tão inespecífico - na maior parte das vezes, o paciente evolui a óbito subitamente e só se descobre sua *causa mortis* na necrópsia. O objetivo era fornecer informações novas e pertinentes sobre o TEP, para o clínico poder se guiar na suspeita e fazer o diagnóstico *in vivo*, em tempo de tomar conduta que evitasse o óbito. Fui inclusive contemplada pela FAPESP com uma bolsa. No meio do processo, houve ampliação da busca para todos os casos (não apenas os que faleceram de IRpA, mas também de Instabilidade Hemodinâmica e Morte Súbita), com coleta adicional de dados clínicos de prontuários. Essa pesquisa rendeu-me muitos frutos em termos de artigos e congressos, dada a ampla coleta de dados, que possibilitaram calcular riscos, prevalências e relações sobre outras doenças (como o IAM, a AIDS, a ICC). Além disso, a pesquisa me permitiu, entre

tantos outros benefícios, contatos com autópsias, laudos e prontuários, familiarização com microscopia e amizades com patologistas. O enfoque clínico, com alta aplicabilidade prática, me despertou interesse, independentemente da especialidade que eu escolha seguir.

Quais as dificuldades que tem encontrado?

A pesquisa acima descrita durou 3 anos e foi finalizada. Ainda há muitos dados a serem utilizados, que dariam bons artigos e boas publicações em revistas internacionais. A dificuldade atual é a falta de tempo disponível agora, no sexto ano da graduação.

Qual foi o impacto da pesquisa em sua vida?

Tive que aprender muito. Assuntos médicos estudados, troca de idéias com orientadores, estatística, boas referências bibliográficas, entre outros, fazem parte do mundo de quem quer ter seu artigo reconhecido e publicado. Desenvolvi compromisso, responsabilidade, cuidado em cada fase, para não deixar nenhum erro alterar o resultado final. Aprendi a interpretar resultados, a me frustrar ou me impressionar com eles. Além disso, fui à Europa, por duas vezes e aos EUA, apresentar os resultados do meu trabalho em congressos internacionais. Nunca imaginei que sairia do Brasil antes de me formar. (Risos). Apresentei em inglês para gente do mundo todo, ao lado de outras pessoas, em sua maioria médicos de importantes universidades, como Johns Hopkins, Harvard, etc. Desenvolvi um pouco de habilidade para falar em público – o que sempre foi um desafio para mim. Foi uma emoção enorme! E ainda tive a sorte de ser premiada pelo COMU por dois anos seguidos.

Pretende continuar? Que fato influenciou nessa escolha?

Como já mencionei, no sexto ano fica mais complicado... Mas é possível continuar. (Risos). Optei neste ano por monografias e relatos de caso. Estou finalizando também um outro projeto da FAPESP em Esclerose Sistêmica e Fibrose Pulmonar, também na área de Patologia Pulmonar, agora utilizando imunohistoquímica, sob a orientação do Dr. Edwin Roger Parra.

Depoimentos & Entrevistas.

Um grande estímulo são as pessoas especiais e competentes, que me orientam e se mostram extremamente atenciosas, disponíveis e felizes nas pesquisas que coordenam: a Dra. Vera Luiza Capelozzi, o Dr. Edwin Roger Parra (patologistas pesquisadores), e o Dr. Alexandre Soeiro, cardiologista, ex-preceptor e atual assistente do InCor (Instituto do Coração - FMUSP), que me ajudaram muito, acreditaram e confiaram em mim. São exemplos de profissionais em que procuro me espelhar. Eles me

mostraram a importância da pesquisa na formação médica, a necessidade de atualização constante e me ensinaram o benefício da dúvida, da curiosidade, de querer buscar ativamente respostas para as perguntas. Sou estimulada também, sem dúvidas, pelos resultados, pela chance de apresentá-los em congressos, de levar o nome da nossa faculdade e do nosso país para o exterior e de contribuir um pouquinho, por mínimo que seja, para a pesquisa científica médica brasileira.